



Ilustração Alex Sandro Lindolfo

Menor infrator

Carolina Nassau Ribeiro
por **Maria Antonieta Pereira**

Carolina Nassau é Graduada em Psicologia pela PUC - MINAS, psicanalista filiada ao ALEPH - Escola de Psicanalista, Técnica do Programa Liberdade Assistida e mestranda na Faculdade de Psicologia da FAFICH/UFMG na área de concentração em Estudos Psicanalíticos.

Maria Antonieta Pereira é professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Faculdade de Letras/UFMG. Pós-doutora pela Universidad de Buenos Aires. Autora de vários livros e artigos sobre telas, textos e educação. Pesquisa atual: Tecnologias intelectuais da leitura. Coordenadora do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o texto.

Maria Antonieta - Você considera que a retomada da prática da leitura, a partir do curso "Leituras de telas e textos", alterou o comportamento dos jovens do Programa de Liberdade Assistida no CAC-BARREIRO?

Carolina Nassau - Sim. Os jovens que conseguiram sustentar a permanência no curso, passaram a ter interesse por livros, escolas, computadores. A capacidade de crítica aumentou. Pude observar uma diminuição da prática de atos infracionais, e uma queda do interesse pela criminalidade. Uma porta se abriu, e eles viram novas possibilidades.

Li em uma revista (que não me lembro mais qual) sobre a experiência de uma ONG, que estava levando jovens com vulnerabilidade social ao cinema. Fiquei encantada com o depoimento dos jovens que tiveram acesso ao cinema. Resolvi fazer essa experiência com três objetivos iniciais: 1. Para que os adolescentes pudessem ter acesso à realidade que eles conhecem, só que na perspectiva de espectador. Eles podem assim sair da cena, e refletir sobre ela, do lado de fora; 2. desenvolver a capacidade de reflexão dos jovens; 3. sustentar o dia de trabalho já estabelecido pelo projeto, pois eles se dispersam com muita facilidade. Levei filmes nacionais, mas depois de um tempo descobri uma locadora ao lado do CAC Barreiro. Foi o momento de eles escolherem quais filmes queriam ver. Escolheram, por exemplo, *A Paixão de Cristo*, de Mel Gibson. Foi interessante porque nesse caso eles tiveram que ler a legenda e se haver com a lentidão de leitura que lhes é característica. Isso lhes fez perceber a importância do exercício da leitura.

Na sociedade contemporânea, você acha que a leitura de telas e textos permite aos jovens aprofundar a leitura de si mesmos e do mundo?

Sem dúvida. O que observamos no mundo contemporâneo é um imperativo de consumo e de prazer imediato, o que acaba reduzindo o prazer pelo texto, que se dá a médio prazo. Além disso, a leitura não é transmitida como uma possibilidade de prazer. Lembro-me de uma adolescente que ficou surpresa ao descobrir por meio do conto "Felicidade clandestina", de Clarice Lispector, que se pode ter paixão por livros. Ela ficou impressionada, disse que já tinha visto essa vontade com relação a roupas, namorados, droga, mas não sabia que isso também se dava com livros.

Horácio dizia que a arte deve "unir o útil ao agradável". Nesse sentido, você acha que a leitura de textos literários pode ter uma função terapêutica?

Sim, mas não como objetivo principal, e sim como efeito colateral da inserção social e cultural causada por esse tipo de experiência.